

IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE NA PRODUÇÃO POÉTICA DE ARNALDO ANTUNES

Antônio FERNANDES JÚNIOR
(tonyfer@uol.com.br)

Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara (UNESP -
PG)

A prática de escritura, entendida como prática textual, conforme a definição de Roland Barthes (1988), posiciona-se em uma vertente teórica, cuja concepção respalda-se no abandono de noções estruturalistas que consideram o texto literário como mero objeto de análise, “uma linguagem-objeto”, transformada em instrumento utilitário e decorativo. A escritura deve ser vista como um conjunto de signos que implica, em seu percurso teórico, articulações entre algumas noções lingüísticas e literárias, configurando, segundo Barthes, “sugestões para a análise do discurso literário” (p. 35). Assim, a noção de escritura deve ser cotejada com o estudo que privilegia os procedimentos enunciativos, delimitados por categorias de pessoa, espaço e tempo.

A escritura focaliza o sujeito não em um momento anterior ao processo de criação, mas no momento de produção de um novo texto, “em que o sujeito se cria e se recria, numa significância infinitamente aberta” (PERRONE-MOISÉS, 1988, p, 13). Concebe-se, dessa maneira, a escritura como uma prática textual, caracterizada pela idéia de movimento, pois considera-se a noção de que a palavra, principalmente literária, não é um ponto neutro e/ou fixo na língua, mas um cruzamento de superfícies textuais.

Nesse sentido, a poesia de Arnaldo Antunes, conforme discutiremos, produz-se em um interstício de linguagens, envolvendo as experiência do poeta com a palavra cantada (o rock), com a poesia visual, com artes plásticas, com a poesia concretista, com a videopoesia, dentre outros. Esse entrecruzamento de linguagens, tão característico

da poesia de Antunes, configura-se como um espaço capaz de oferecer diferentes leituras sobre a realidade sociocultural, tornando-se um campo de observação privilegiado sobre diversas questões, como, por exemplo, a subjetividade.

Além da mistura de códigos, percebe-se na obra deste poeta, a criação de expressões lingüísticas (fusão de palavras, deslocamentos lexicais, quebra de palavras etc.) que surgem do experimentalismo com a linguagem para instaurar uma nova situação, seja ela de classe social, sexo, identidade cultural etc. Tanto nas letras das canções quanto nos poemas, tal recurso é acionado, desencadeando efeitos de sentido diversos. Tal estratégia discursiva possibilita reflexões sobre a condição do sujeito no contexto atual; seja pelas relações entre sujeito e espaço urbano, bem como, as construções identitárias pelas quais os sujeitos se reconhecem.

Estas questões remetem-nos às discussões foucaultinas sobre o “enunciado” e, como desdobramento, as questões do discurso e do sujeito. Para Foucault (1995), o enunciado, diferentemente de uma frase ou um ato de fala, caracteriza-se por ser produzido por um sujeito (função enunciativa), que fala de um dado lugar e é determinado “por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado” (GREGOLIN, 2004, p. 89).

Dessa maneira, o enunciado, diferentemente de um ato de fala ou frase, implica o vínculo a uma dada posição de sujeito, cuja natureza movente, impossibilita concepções de caráter totalizante. Um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições-sujeito, dado a natureza dispersiva que o caracteriza e o define, apontando para uma dada percepção da subjetividade como fragmentada e descentrada. Tanto a dispersão do sujeito como a dispersão de enunciados que circulam na sociedade, sinalizam para uma compreensão de sujeito como uma construção histórica, pois o discurso é um “campo de regularidade para diversas posições de subjetividade (Foucault, 1995, p. 61)”.

Para Foucault, o discurso é definido como conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva, com determinadas condições de existência; liga-se à história, como “fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas

transformações, dos modos específicos de sua temporalidade” (p. 135-136). O discurso não é visto de um ponto de vista estanque e/ou fixo, mas como uma prática discursiva¹, em constante transformação. Nela são definidos o(s) lugar(es) de onde o(s) sujeito(s) enuncia(m), ou seja, a posição que o sujeito ocupa no exercício da função enunciativa. Para a observação deste movimento enunciativo, faz-se necessário descrever suas condições de realização, regras de controle, “pois entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passam pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado” (Gregolin, 2004, p. 90).

A problemática da subjetividade foi um tema recorrente nas pesquisas de Foucault em sua trajetória intelectual, perpassando as diferentes etapas de sua obra: a arqueologia, a genealogia e a ética. Para Foucault (2004), o sujeito não é uma substância,

É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembléia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas de sujeitos; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes. E o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade (p. 275).

¹ Para Foucault (1995), a prática discursiva é compreendida “como um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa (136)”. A discussão sobre prática discursiva implica reflexões sobre as condições de produção do discurso.

Ao estudar a subjetividade nos textos de Foucault, Prado Filho (2005), argumenta que este autor não desenvolve uma teoria do sujeito e nem uma teoria da subjetividade. Não se trata de uma teoria, pois não há a pretensão de desenvolvimento de textos com pretensões totalizantes, grandiosas, que “busca explicar e dar conta de grandes conjuntos, oferecer grandes explicações” (p. 43). Compreender “uma história crítica da subjetividade em Foucault” significa recolher, por meio de uma leitura não verticalizada e sim transversal, os diversos momentos em que a subjetividade foi problematizada e/ou desenvolvida de forma assistemática, periférica e/ou marginal. Portanto, não há uma teoria fechada e/ou sistematizada em relação a problematização da subjetividade, porque, “mesmo estando no centro de suas análises, esta discussão não está acabada” (p. 43). Não é uma teoria do sujeito, pois “este é um lugar vazio no discurso”; não é uma teoria da subjetividade, porque as discussões não envolvem as questões específicas do campo da psicologia”. É nesse sentido que não interessa a Foucault a discussão sobre o sujeito psicológico, individualizado, nem o estudo da formação da personalidade ou a decifração do sujeito, que implica uma dada interioridade. Para Foucault importa a exterioridade dos fenômenos, por isso, reconhece a subjetividade não como essência e/ou substância, mas como um enunciado histórico, ligado a uma diversidade de práticas sociais e políticas (Prado Filho, 2005).

Como interessa a Foucault a constituição histórica das diferentes formas de sujeito, a construção de uma teoria “acabada” do sujeito e da subjetividade anularia sua proposta². Problematizar estas diferentes formas de sujeito e as diferentes figuras de subjetividade acarreta, como desdobramento, negar o sujeito universal, para tentar compreender “formas de ser e modos de vidas plurais, quando não, marginais” (p. 45). Assim, Prado Filho (2005), discute, a partir da leitura de textos de Foucault, a construção histórica da noção de subjetividade, mostrando como a identidade está em constante transformação e suas relações com os mecanismos de controle e com os jogos de poder, ou seja, com

² Prado Filho (2005) argumenta que a problematização do sujeito e a problematização da subjetividade não são a mesma coisa. O primeiro refere-se às discussões de Foucault com historiadores e filósofos na fase arqueológica; o segundo recebe um tratamento genealógico, “como multiplicidade e práticas sobre sujeitos concretos - sobre seus corpos, neste sentido, a problemática do sujeito é parte da sua problematização da subjetividade” (p. 43).

o exterior com o(s) qual(is) se relaciona(m). Assim, reconhecer-se como sujeito de uma instituição, de uma sexualidade, dentre outras práticas sociais que nos definem, significa assumir uma dada identidade como nossa e reproduzi-la, “sem notar que é exatamente ela que nos mantém presos ao poder” (Prado Filho, 2005, p. 49).

Feita esta rápida exposição, interessa-nos focalizar nos textos de Arnaldo Antunes (“O Corpo” e “Liberal gerou”) questões ligadas ao eixo corpo/subjetividade e identidade/sexualidade, observando como determinados procedimentos de construção lingüística e posições-sujeito adotadas criam efeitos identitários específicos. Nesses textos, temos uma reflexão, por meio da poesia, em torno de elementos que são constitutivos de uma dada concepção de subjetividade e identidade, em suas variações e efeitos de sentido possíveis. Para tanto, faremos uma breve apresentação da poesia do autor em questão e, em seguida, procederemos à análise dos poemas selecionados.

A POESIA DE ARNALDO ANTUNES: CONSIDERAÇÕES GERAIS

No contexto de final de século XX, o poeta e compositor Arnaldo Antunes destaca-se no cenário artístico brasileiro de forma muito singular, desenvolvendo uma escritura poética capaz de conciliar suas experiências com a música popular, com a poesia visual e concretista e com as artes visuais. Inclui-se, nesta mistura (que o próprio poeta sempre faz questão de ressaltar), a produção de vídeos, como no trabalho *Nome*, que foi produzido em livro, “CD” e vídeo. Arnaldo Antunes tem mais de cinco livros publicados e uma vasta produção fonográfica, que pode ser dividida em dois momentos: primeiro no grupo de rock Titãs e depois em sua carreira solo, além dos trabalhos em parceria com Marisa Monte, Carlinhos Brown, Nando Reis, dentre outros. Enfim, é um multimídia em constante processo de produção.

A poesia de Arnaldo Antunes conta, atualmente, como uma boa recepção no meio acadêmico, embora o seu trabalho como músico tenha mais circulação e alcance de público. Atuando em várias frentes, como o rock e a publicação de seus próprios livros, composições infantis sob o selo Palavra Cantada, dentre outras atividades citadas, o referido poeta desenvolve inúmeros e diferentes projetos sem perder de vista o seu grande foco: o trabalho na e pela linguagem.

A simultaneidade, seja de sons, imagens e palavras, pode ser considerada uma forma poética recorrente na obra desse autor. A essa simultaneidade alia-se o experimentalismo lingüístico, recurso que permite ao compositor ora fundir vocábulos procurando um efeito diferente do usual, ora cortá-los, obtendo, assim, outros novos vocábulos formados pela fragmentação de um primeiro. Antunes explora as potencialidades do signo lingüístico, buscando na relação som/silêncio, palavra/imagem ou “tudo ao mesmo tempo agora”, atingir os limites possíveis de captação e subversão do signo. Em um contexto dinâmico, cuja velocidade de informação é cada vez maior, o poeta, ao “penetrar surdamente no reino das palavras” (Drummond), insere a poesia em novos espaços que pedem novos leitores, novos olhares.

A poesia de Arnaldo Antunes pode ser descrita como um tipo de texto que flui por diferentes suportes (a página, o vídeo, o CD, o corpo), pertencentes a diferentes manifestações artísticas, ou, como o próprio autor comentou, suas composições transitam num “interstício de linguagens”, fato que define seu trabalho poético muito mais como um processo dinâmico do que como um objeto propriamente dito (OLIVEIRA, 2001, p. 187).

Outro movimento a ser destacado ocorre quando o poeta transforma um poema em canção, ou seja, retira um poema do livro inserindo-lhe uma melodia; ou, ao contrário, quando lhe retira a parte melódica da canção e o publica em livro, transformando a música em poema. Esses movimentos caracterizam os poemas de Antunes como uma prática de escritura plural, marcada pelo cruzamento de diferentes

textos e do trabalho interno dentro de sua própria obra. Assim, a produção de um novo texto, na obra desse poeta, define-se como um processo em que “o sujeito se cria e se recria, numa significância infinitamente aberta”, conforme observa Perrone-Moisés (1988, p. 13).

Esse processo de criação e recriação permite ao poeta a possibilidade de experimentação e fusão de diferentes códigos, tanto nos livros quanto nos CDs, fator que afasta critérios rígidos de classificação.

Tendo em vista a discussão apresentada, tanto em relação à subjetividade quanto em relação à poesia de Antunes, desenvolveremos, a seguir, um esboço de leitura de dois textos do poeta, conforme anunciamos. Atento às questões contemporâneas sobre a condição do sujeito no contexto atual, bem como as práticas socioculturais que os constituem, os textos aqui escolhidos servem como um pequeno esboço para se pensar a subjetividade por meio de algumas trajetórias, como o corpo, gênero, sexo, etc.

LEITURA DO POEMA *O CORPO*³

O poema *O Corpo*, visualizado abaixo, publicado no livro *As Coisas*, tem como eixo temático o binômio corpo/subjetividade. Nele encontramos uma série de enunciados (orações de teor explicativo), que procura descrever aspectos anatômicos do corpo humano.

³ Antunes, 2002. Publicado originalmente em 1992.



O corpo existe e pode ser pego. É suficientemente opaco para que se possa vê-lo. Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo. O corpo existe porque foi feito. Por isso tem um buraco no meio. O corpo existe, dado que exala cheiro. E em cada extremidade existe um dedo. O corpo se cortado espirra um líquido vermelho. O corpo tem alguém como recheio.

23

Nesse poema, assim como os demais que compõe o livro *As Coisas*, tem-se a adoção de um ponto de vista infantil, uma lógica de raciocínio próxima de uma gramática da criança. Essa posição, posição-sujeito, pode ser observada tanto pelos desenhos e imagens que antecedem cada poema, quanto pela temática e pela tessitura dos mesmos. Trata-se de uma prosa poética, porém, sem os elementos específicos de narrativa. Há a descrição rápida de alguns aspectos do corpo humano, vistos sob uma perspectiva descritiva; ou seja, algo palpável que pode ser tocado, observado e sentido. São enunciados próximos de uma descrição de anatomia que, afastados dos manuais biomédicos, entram outra esfera de enunciação: o poema.

Além de todas as possibilidades de descrição do corpo como algo palpável, Antunes insere outro elemento, a subjetividade. O corpo não é somente a somatória das partes anatómicas que o compõem, mas, apresenta o elemento subjetivo que o complementa e confere uma singularidade. Todo corpo é composto, anatomicamente, de uma série de componentes e atributos físicos, porém, singular no tocante à

subjetividade. O uso do pronome indefinido “alguém”, no final do texto, remete-nos a uma noção de subjetividade não concluída, muito menos delimitadas pelas categorias de alma ou espírito, ou de uma interioridade transcendental. Tal como o poema, a subjetividade é fragmentada, indefinida e se constrói historicamente, em um movimento de exterioridade que a define (subjetivação). Portanto, tanto a fragmentação no corpo do texto, bem como a fragmentação do corpo, expressa uma dada noção de subjetividade errante, em movimento. Obviamente, essas questões não estão demarcadas no poema, porém, é possível apreendê-las a partir dos mecanismos adotados para a sua construção.

Aliado ao texto verbal, soma-se o elemento visual que, conjugado ao conteúdo do poema, reforça a idéia de algo palpável, de superfície. O desenho é composto de traços simples e/ou infantilizado, e evoca, também, imagens primitivas desprovidas de quaisquer recursos tecnológicos, como os encontrados em outros livros do poeta, tais como *Kit Nome* (1993), *2 ou + corpos no mesmo espaço* (1997), por exemplo. O teor fragmentário do poema é reforçado pelo uso de frases entrecortadas (discurso fragmentado) e pelo uso do ponto final, apontando para constatações infantis, uma visão de mundo construída pelo olhar de uma criança, que pode ser caracterizado como o eixo norteador do livro *As Coisas*.

Ao adotar uma posição de sujeito infantil, Antunes propõe uma leitura do corpo e da subjetividade de forma desautomatizada, criando efeitos de sentido que, para além de uma visão simplista do corpo, beira a estranheza e o poético. Tais recursos mobilizam sentidos que, para serem apreendidos, necessitam de um rompimento com modos cristalizados de ler/perceber o mundo, a linguagem e, sobretudo, a poesia.

LEITURA DO POEMA *LIBERAL GEROU*⁴

⁴ Antunes, 1996.

Um outro texto que aborda, de forma mais específica, a questão do corpo e da subjetividade é o poema *Macha Fêmeo* (CD *O Silêncio, 1996*). Nesse poema, transcrito abaixo, Antunes inverte a noção de gênero, o pólo masculino/feminino, alterando a desinências finais de cada palavra; ou seja, o que usualmente é tido e/ou concebido como masculino é modificado para o feminino. Esta constatação é apresentada logo no início poema-canção, expressos no título do texto onde se lê a expressão *MACHA FÊMEO*.

Macha Fêmeo (Paulo Tatit / Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer)

Macha
Fêmeo
Macha
Fêmeo
Fêmeo
Macha

Cérebro caralha baga saca pescoça prepúcia ossa
Nádego boceto teto coxo vagino cabeça boco

Corpa moço dentra foro moça
Orgasma coita palavro sexa goza

Liberal gerou

Macha
Fêmeo
Macha
Fêmeo
Fêmeo
Macha

Fígada barrigo umbiga perno braça unho mucoso
Axilo nerva pela veio cabelo narino porro

Corpa moço dentra foro moça
Orgasma coita palavro sexa goza

Liberal gerou

Calço terna saio camiseta vestida cueco bluso
Meio sandálio calcinho cinta sapata casaca luvo

Corpa moço dentra foro moça
Orgasma coita palavro sexa goza

Liberal gerou

Cérebra caralha baga saca pescoça prepúcia ossa
Nádego boceto teto coxo vagino cabeça boco

Classes de palavras são alteradas constantemente pelo poeta, cujo resultado questiona o sentido pré-estabelecido de que as instâncias do masculino/feminino não são categorias fixas e regulares. Este processo de inversão lingüística aparece também em outro verso do poema, *Liberal gerou*, repetido em dois momentos do texto, no meio e no final. A alteração de categorias de gênero, associadas com a idéia de liberação do sujeito, produz efeitos de sentido ao longo do texto decorrentes da relação entre sujeito e identidade sexual.

Se pensarmos no contexto de final do século XX e entrada do século XXI, o poema de Antunes aponta para uma concepção de subjetividade que parece não ter limiares muito precisos. Ao deslocar palavras e expressões de um gênero para outro, o texto levanta questões, que procuram, de alguma maneira, problematizar as categorias de masculino e feminino: como delimitar o que é macho(a)? o que é fêmea(o)? São categorias fixas?

Além de questionar tais categorias, o texto aborda, de forma incisiva, a questão da sexualidade, pois, a maioria das expressões utilizadas vinculam-se a partes do corpo humano, especificamente, as

partes genitais. Assim, o poema em questão redimensiona as fronteiras do masculino/feminino e, ao mesmo tempo, coloca em discussão a relação corpo *versus* sexualidade. Não só partes do corpo, mas também, um conjunto de elementos a ele ligados como roupas e outros atributos:

Calço terna saio camiseta vestida cueco bluso
Meio sandálio calcinho cinta sapata casaca luvo

Outro aspecto relevante no poema relaciona-se ao corpo do texto, no caso referimo-nos à disposição gráfico-visual.

À imagem de uma cruz, visualmente construída nas primeiras estrofes, estão ligados os enunciados sobre corpo, sexualidade e subjetividade. Não há necessidade de ir muito longe para constatar o teor crítico esboçado no poema. A conjunção religiosidade/sexualidade sempre se caracterizou por embates, sobretudo, proibições da primeira sobre a segunda. A sexualidade sempre foi concebida como um tabu para o cristianismo e o dogma católico. Ainda hoje essa relação é marcada por conflitos, principalmente, quando se trata das relações homoeróticas, do sexo como procriação, da proibição do uso de preservativos, do casamento entre homossexuais etc.

A articulação de diferentes discursos (do político, do religioso e da sexualidade), associados ao experimentalismo lingüístico e visual do poema, permite ao poeta efetuar uma leitura crítica da sociedade contemporânea. Esse recurso evidencia aspectos tanto lingüísticos (alteração lexical de classes de palavras), quanto sociais (inversão e instauração de novos papéis sociais). Atento às questões contemporâneas ligadas às práticas socioculturais, Arnaldo Antunes utiliza-se, no referido texto, de elementos lingüístico-discursivos capazes de captar, no campo estético e político, traços da subjetividade contemporânea, em que as demarcações masculino/feminino ganham novos contornos e efeitos de sentido que se afastam da noção de sentido “logicamente estabilizado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do enunciado “o corpo tem alguém com recheio” e da indefinição (“alguém”) que caracteriza a relação corpo/subjetividade, podemos, como efeito de conclusão, pensar a subjetividade como um processo em curso, que se constitui em uma multiplicidade de práticas sociais e políticas, ou seja, com a exterioridade. Sujeitos de uma identidade sexual, de uma instituição, de uma moralidade, etc.; enfim, procedimentos discursivos de constituição histórica dos sujeitos, cujos efeitos identitários, assumidos e reproduzidos como tal, não se definem por “uma via de mão única”. Pelo contrário, a reflexão sobre a subjetividade e a identidade necessita de uma abordagem capaz de apreender as movências do sujeito no meio sociocultural, não como categoria fixa, mas em sua dinâmica flexível. Estas manifestações de uma exterioridade constitutiva da subjetividade (de natureza social) implicam efeitos de sentido na construção de identidades do sujeito.

O estudo da subjetividade na produção poética de Arnaldo Antunes não se limita aos textos aqui analisados, pois, em seus livros, canções e vídeos, encontram-se diversos caminhos que possibilitam um redimensionamento sobre o referido assunto. Seja nas relações corpo/subjetividade, sujeito/sexualidade, dentre outras possíveis associações, percebe-se na obra deste poeta questões contemporâneas ligadas à subjetividade que merecem um estudo mais aprofundado.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. 8ª Edição. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002. (Primeira edição: 1992)

_____. “*Liberal gerou*”. In: **O Silêncio**. São Paulo, BMG Ariola, 1996.

BARTHES, Roland. “Da ciência à literatura”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

_____. “Escrever, verbo intransitivo?”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. *Autoria e escritura na poesia de Arnaldo Antunes*. In: FERNANDES, C. A., SANTOS, J. B. C. *Análise do discurso. Unidade e Dispersão*. Uberlândia, Entremeios, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 4ª edição; Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

_____. A Ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: MOTTA, M. B. (org.). FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos V*. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2004. (p. 264-287)

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos; Claraluz, 2004.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

OLIVEIRA, Adriane Rodrigues. “*Acordo: movimento e circularidade na poesia de Arnaldo Antunes*”. In: CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; PEDROSA, Célia (Orgs). *Poesia e contemporaneidade*. Chapecó: Argos, 2001.

PERRONE-MOISÉS, L. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1993.

_____. “Prefácio”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PRADO FILHO, Kleber. “Uma história crítica da subjetividade no pensamento de Michel Foucault”. In: FALCÃO, Luis Felipe, SOUZA, Pedro de (Orgs.). Michel Foucault. *Perspectivas*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2005.